

LAUREN

Autora Best-seller do The New York Times

BLAKELY

Alta
TENSÃO

Ele nunca teve medo de se aventurar e correr riscos,
mas uma paixão pode ser o maior teste de sua vida.

LAUREN BLAKELY

Start typing text...

Alta
TENSÃO

TRADUÇÃO
CARLOS SZLAK



**COPYRIGHT © 2017. HARD WOOD BY LAUREN BLAKELY.
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH BOOKCASE LITERARY AGENCY AND
WOLFSON LITERARY AGENCY.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **VALQUÍRIA DELLA POZZA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **ARTOPHOTOS | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Blakely, Lauren

Alta tensão / Lauren Blakely ; tradução de Carlos Szlak.

— São Paulo : Faro Editorial, 2020.

176 p.

ISBN 978-85-9581-107-2

Título original: Hard Wood

1. Ficção norte-americana I. Título II. Szlak, Carlos

20-1047

CDD-813,6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br

1

OS SERES HUMANOS TENDEM A PENSAR DEMAIS EM TODO tipo de coisa, mas muitos dos nossos dilemas são bem básicos. Você sai para jantar em um novo restaurante italiano ou fica em casa e prepara um sanduíche de peru? Lava a roupa para usar uma camisa limpa ou cheira o cesto atrás de uma camisa suja, mas ainda usável? Arruma um tempo para correr 5 quilômetros ou assiste a mais um episódio de série?

Para que fique registrado, as respostas são: jantar em restaurante italiano, lavar com água quente e calçar tênis de corrida.

Adoto a mesma abordagem direta para a pergunta explícita feita para mim por Camilla Montes, âncora do noticiário da manhã do canal 10.

— Patrick, como nosso público pode saber se o bichano quer dar uma caminhada? — ela pergunta com aquela voz de repórter que combina com o seu cabelo preto penteado à perfeição.

— Para descobrir se o seu gatinho está pronto para ser um aventureiro, há um teste simples e decisivo que qualquer dono de felino pode fazer — respondo.

Sentado no sofá de frente para Camilla, passo a mão nas costas de Zeus, que arqueia o corpo e ronrona.

— Gosto de chamá-lo de teste do arrastão.

— Interessante. Conte-nos mais a respeito — ela pede, curiosa.

— Ou o gato permite de bom grado que você coloque uma coleira em volta do pescoço dele ou, então, ele fica paralisado. Daí, você acaba tendo que arrastar o traseiro dele pelo chão. — Faço uma mímica, simulando puxar um gato relutante pela coleira.

— Isso esclarece bem o que você quis dizer. — Camilla dá um sorriso e em seguida aponta para mim um dedo com a unha pintada. — Mas como soube que devia tentar com Zeus? Você simplesmente queria um companheiro de caminhada famoso ou ele insistiu nisso?

— Eu ouvi o gato. — Me inclino para a frente, pousando a mão no joelho, onde a minha bermuda termina, já que a emissora gosta que eu use um modelito de turismo de aventura no meu quadro *Dicas e truques para aproveitar atividades ao ar livre*. — O comportamento de Zeus me disse que ele talvez estivesse disposto. Por exemplo, certa vez, saí do meu apartamento para ir até a lixeira e Zeus me seguiu, ficando ao meu lado o tempo todo. — Ponho a mão em concha no canto da boca e finjo cochichar: — E acho que não foi só porque havia um resto de salmão no lixo.

Camilla ri.

— Salmão à parte, Zeus costumava demonstrar bastante curiosidade. Então, decidi colocar uma coleira no seu pescoço e levá-lo para dar uma volta.

— E agora ele se tornou o Gato das Caminhadas. — Camilla gesticula em direção ao meu gato peludo, que está descansando ao meu lado, com as patas brancas dobradas na frente do peito e uma expressão de satisfação. Juro que Zeus é um ator. Ele nasceu para as câmeras. — Pode mostrar para o nosso público como um gato que gosta de fazer caminhadas se comporta com uma coleira no pescoço?

— Achei que você nunca faria essa pergunta. — Fico de pé, apanho a guia e a coleira no sofá e dou um tapinha na minha perna.

Zeus se alonga, esgueira-se para a lateral do sofá e olha para mim.

— Quer dar um passeio?

Seu rabo balança de um lado para o outro.

Veja, não estou dizendo que Zeus entende inglês. Afinal, ele é um gato, e não algum tipo de cachorro adestrado. Mas Zeus sabe o que fazer, e a guia está pendurada na minha mão. Assim, estica o pescoço, quase num convite para que eu coloque nele a coleira vermelha. Deslizo-a pela cabeça e prendo a guia na coleira. Zeus desfila por alguns metros.

O sorriso de Camilla é tão luminoso quanto a luz dos refletores do estúdio.

— Aí está.

— Você gostaria de andar com ele, Camilla?

A boca pintada de vermelho da apresentadora se abre em um sorriso largo.

— Adoraria caminhar com esse superastro da internet.

Encosto o indicador nos meus lábios.

— Psiu... Não deixemos que o sucesso suba à cabeça dele.

— Se ele soubesse quanto é popular... — Camilla pega a guia e caminha com Zeus pelo estúdio. — Trouxemos algo para simular uma trilha.

Camilla conduz o meu gato até algumas pedras criadas pelos cenógrafos para aquela demonstração. Enquanto isso, a emissora exibe um vídeo da internet gravado por mim que mostra Zeus escalando uma colina em uma trilha próxima. Quando a apresentadora e o gato alcançam as pedras falsas, a transmissão volta para Camilla, caminhando de salto alto, enquanto Zeus sobe correndo pelas pedras e depois desce pelo outro lado. Nota mental: arrumar algum trabalho publicitário para esse gato.

Por enquanto, não tenho pressa. A minha empresa está prosperando, a minha família é saudável e feliz e os meus amigos estão sossegando o facho. Só há uma coisa que desejo... Bem, não é uma coisa. Tem sim a ver com uma *pessoa*, que é adorável e cativante, e com a qual entrei em sintonia.

Agora, porém, não é hora de me concentrar nisso.

Camilla volta para a sua cadeira azul, e eu me acomodo no sofá novamente, ao lado do meu fiel companheiro. Passo os próximos 45 segundos analisando questões de segurança para aqueles que passeiam com os seus gatos em trilhas. Afinal, caminhar com um felino não é para os de coração fraco. Os donos de cachorros não têm ideia de como é fácil para eles. Caminhar com um felino é outra história, completamente diferente, mas que vale muito a pena pelas fotos. Estamos falando de uma mina de ouro inesperada. Quando Evie, minha irmã, deixou esse gato na minha porta e me implorou para lhe dar um lar, não tinha ideia do que ele se tornaria: primeiro, um companheiro muito legal; segundo, o melhor marketing de todos os tempos para a minha empresa de turismo de aventura.

Quando o quadro termina, Camilla me agradece e chama um intervalo comercial.

— Te vejo de novo na semana que vem, Patrick. Acho que poderíamos fazer uma demonstração de primeiros socorros no meio da mata.

— Com certeza.

— E sabe o que estou morrendo de vontade que você apresente para nós?

— Faça o que você quiser — digo, mantendo o clima descontraído.

— E se fizéssemos uma apresentação de como acampar em grande estilo?

Dou uma risadinha e coço a minha barba.

— Posso fazer isso, Camilla, e, se você quiser, também posso mostrar agora mesmo um truque simples para acampar em grande estilo.

Os olhos castanho-escuros de Camilla brilham de prazer.
— Por favor, faça.
— O seu celular está com você?
— É claro. Está no modo silencioso, mas nunca fico longe do meu companheiro mais fiel — ela afirma, tirando-o do bolso da saia, desbloqueando-o e entregando-o para mim.

Digito algumas palavras na barra de pesquisa, e o resultado de que preciso aparece rapidamente. Devolvo o aparelho para Camilla.

— É para quem você deve ligar.

A reação dela não tem preço: o sorriso vai se ampliando à medida que o nome e o número do telefone de um hotel 5 estrelas aparecem na tela.

— É a mais pura verdade. Não sou mesmo uma garota amante da natureza. Mas eu adoro o seu quadro. Assim como Taylor, minha nova assistente — ela diz, baixando a voz e olhando para uma loira muito animada, que está esperando para me acompanhar.

Então, como gosto do carinha peludo e não quero torturá-lo — e passear com um gato nas calçadas de Manhattan é uma forma única e terrível de tortura —, coloco Zeus na minha mochila deixando a cabecinha dele do lado de fora, deslizo as correias para fechá-la e saio do estúdio.

— Fiz *s'mores* alguns dias atrás — Taylor comenta, esboçando um grande sorriso e me encarando com os seus brilhantes olhos azuis. — Ficaram *tão* bons...

Ao proferir arrastadamente *tão*, a palavra aparentou ter oito sílabas, e, de todas elas, escorreram insinuações.

— Que ótimo — digo por dizer, já que não estou interessado em acalentar nenhuma sílaba ou insinuação com alguém que mal passou da puberdade.

— Você gosta de *s'mores*, Patrick?

— Duas bolachas crocantes recheadas com chocolate e marshmallow assado na brasa? Como não gostar?!

— Mas eu queria saber se você não tinha alguma dica de como prepará-los. Tipo, como faço para que o chocolate e o marshmallow se unam perfeitamente?

Taylor para junto à porta, apoia nela o quadril, sugestivamente, e enrola uma mecha de cabelo.

Ainda que me orgulhe de oferecer a melhor versão do mundo de *s'mores*, dou uma resposta simples, mas clara:

— Tudo depende de quanto tempo você deixa os ingredientes *envelhecerem* — afirmo, já que Taylor tem 20 ou 21 anos, na melhor das hipóteses.
— Vejo você na próxima semana.

Eu me despeço e vou embora. Pego o metrô no centro e depois caminho pelas ruas.

Recebo olhares por causa do gato pendurado nas minhas costas?

É claro que sim.

Gosto disso?

Sem dúvida.

Sorrio e aceno com a cabeça. Digo alguns *como vai?* e até faço um *miau* quando um garotinho passa com a sua mãe e sussurra, apontando para o meu ombro. Como se eu não soubesse que há um gatinho ronronando no meu ouvido.

Quando dobro a esquina do quarteirão do meu prédio, Zeus não é o único que ronrona. Porque bem na frente da portaria, usando óculos escuros espelhados e uma calça jeans que abraça deliciosamente as suas curvas, está a certa mulher que fico muito feliz de ver.

Mia Summers. *Mignon*, mas imponente. Uma fada poderosa com cabelo ondulado, olhos castanho-claros, bom coração e raciocínio rápido.

Eu a conheci há alguns meses. Ela visitava o irmão, Max, e é certo dizer que, desde então, Mia virou o centro das atenções da minha mente.

Quando a vejo, quando falo com ela, quando passo o meu tempo com Mia, confirmo a minha crença de que algumas coisas são bem simples.

Como, por exemplo, se um gato arrasta todo o seu corpo no chão ou trota corajosamente ao seu lado.

É um sim ou um não.

Um preto ou um branco.

Você sente atração pela irmã do seu grande amigo ou não.

Para que fique registrado, a resposta é: sim, sinto atração. Muita atração.

2

FAZIA QUASE UM MÊS QUE EU NÃO VIA MIA, DESDE A ÚLTIMA vez em que ela esteve na cidade e se hospedou no apartamento de Max. Eu não imaginava que ela voltaria uma semana antes do casamento de Chase, seu outro irmão, e fico feliz em revê-la.

De fato, ela faz tudo em mim muito feliz.

Por feliz quero dizer duro como pedra.

Ok, tudo bem. Não é que eu esteja funcionando com potência máxima neste momento. Tenho 33 anos, e não 15. Sou dono de bastante autocontrole no quesito de “quando e onde armar uma barraca”. Só estou dizendo que essa mulher mexe comigo, e sinto que me excito quando a vejo.

Parecendo preocupada, Mia fala ao celular. Ela passa a mão pelo cabelo cor de mel. Ao me aproximar, ouço-a dizer:

— Sim, entendo. Entendo. Essas coisas acontecem.

E esse é o som de uma pessoa que está ficando decepcionada.

Quando Mia desliga o aparelho, ela se dá conta de que estou ali. Inclina a cabeça, com o olhar penetrante, a testa franzida e as covinhas do rosto me deixando louco. Os seus olhos se dirigem a mim e depois a Zeus; em seguida, ela aponta para o meu garoto.

— Não sei se alguém já lhe disse...

Arqueio as sobrancelhas.

— Disse o quê?

Mia olha para o chão e em seguida para mim. Em um tom inexpressivo, afirma:

— Os cadarços dos seus sapatos são de cores diferentes.

Fito o cadarço vermelho da minha bota de caminhada direita e o laranja da esquerda.

— É verdade. O outro vermelho enroscou no tronco de uma árvore na trilha do rio Hudson. Tive de sacrificá-lo em favor dos deuses dos cadarços.

— Tenho certeza de que eles ficaram encantados por receber uma ofensa tão legal — Mia comenta, e gosto do fato de que, apesar de não nos vermos há um tempo, ela se entrega direto a uma conversa descontraída, sem necessidade de cumprimentos, abraços ou *como você está?*. Não que eu meu opusesse a receber dela um abraço amigável. Ou até mesmo um bem forte e prolongado.

Mia me encara, ansiosa. Então, volto para a nossa brincadeira a respeito dos sapatos:

— Eles ficaram muito agradecidos porque o cadarço voltou para casa para descansar.

— Além disso, você sabia que há um gato nas suas costas? — Ela se aproxima.

— É mesmo? — Estico o pescoço para espiar por cima do ombro. — Tem razão. Como ele chegou aí?

Mia põe as mãos nos quadris.

— Você está em apuros.

— Tenho sido um menino mau, não tenho?

Ela empurra o meu ombro e depois balança o dedo para mim.

— Por que você não me disse?

Surpreso, ergo uma sobrancelha.

— Que há um novo e incrível restaurante italiano na rua?

Aborrecida, Mia bufa e olha em torno.

— Eu te conheço há meses, e você não me disse que tinha um gato. Amigos não escondem animais de estimação de amigos.

Mia não aparece na cidade com tanta frequência. Ela nunca esteve no meu apartamento. E eu não levo Zeus à casa de Max. Porém, não taparei o sol com a peneira. Vou me divertir um pouco com ela. Flertar com ela. Porque... É isso que vamos fazer.

— Existe um motivo.

Mia arregala os olhos e bate o bico do sapato no chão, impaciente. Ajeito o cabelo com a mão. Evie diz que o meu cabelo castanho-claro é rebelde e que isso é uma coisa boa. *As mulheres adoram cabelo rebelde*, ela afirma. Evie acertou até agora. O meu cabelo tem feito grande sucesso entre as mulheres, e outras partes também.

— É um bom motivo — acrescento.

— Estou esperando, Patrick. Realmente, esse não é o tipo de informação que você deve ocultar.

Suspiro como se fosse fazer uma grande confissão. Então, pouso a mão no ombro dela. Porque não perco nenhuma oportunidade de tocá-la.

— Olha, Mia, serei franco com você. Se eu te dissesse que tinha um gato que faz caminhadas, que anda pendurado em uma mochila e ronrona como uma estrela do jazz, você não teria tido escolha a não ser se apaixonar por mim. — Sorrio para ela.

Quando Mia dá uma risada, ela joga a cabeça para trás, e o seu cabelo ondulado tremula na brisa. Ela é dona de uma beleza simples. Tem um aspecto jovem e saudável, e o seu cabelo não é excessivamente arrumado; parece despenteado e ter sido seco com uma toalha. Além disso, ela tem covinhas fantásticas, o que a faz parecer inocente, muito embora eu suspeite que Mia tem um lado perversamente safado. E depois há aqueles olhos: castanho-claros com salpicos verdes. Às vezes, eles dão a impressão de um castanho suave e quente; outras, de um mar verde sob o sol.

Nem vou falar do seu corpo: sarado e atlético; exatamente como eu gosto. Mas é o seu senso de humor sarcástico que sempre me pega.

— Como você sabe que eu não teria me apaixonado pelo gato? — Então, Mia estende o braço, fica na ponta dos pés, já que sou quase 30 centímetros mais alto que ela, e passa a mão pela cabeça de Zeus.

Galanteador como ele só, Zeus ergue a cabeça e ronrona sugestivamente enquanto Mia o acaricia.

Com ela tão perto, não consigo deixar de apreciar as curvas agradáveis e gentis que percebo sob sua regata. Meu Deus, adoro o verão e as roupas que as mulheres usam quando os dias ficam mais quentes.

— Bem, eu e ele somos um pacote: levou um, tem de levar o outro — digo. — Vamos lá, não se acanhe, apenas admita que está louca por mim.

Mia dá um passo para trás, olha em volta e ajeita a bolsa rosa em seu ombro.

Aponto a portaria, sugerindo que podemos entrar no prédio. A empresa de produtos de beleza de Mia fica em San Francisco, mas ela tem passado cada vez mais tempo em Nova York. Quando Mia está na cidade, costuma se hospedar no apartamento de Max, que fica cinco andares acima do meu. Conheci Max quando me mudei para este prédio, há um ano e meio. Em pouco tempo, nos tornamos amigos. Mas só conheci Mia alguns meses atrás, quando ela passou a vir para Nova York regularmente por causa dos negócios.

Mia levanta as mãos em sinal de rendição.

— Ok, ok, não tem jeito, tenho de admitir. — As pálpebras de Mia tremulam, e ela leva a mão ao coração. — Estou perdida de amor.

— Exatamente. É por isso que não te mostrei o meu gato na noite em que nos conhecemos. Nem depois. Zeus é um ímã de gatinhas completo e absoluto e, como eu te respeito, não podia usar esse tipo de arma secreta e deixar você sem escolha.

— Zeus é um nome másculo e ousado. É uma supercompensação por algo? — Mia dirige o olhar para baixo.

Graças a Deus não tenho mais ereções em público.

— Supercompensação pela grandiosidade pura e absoluta dele — zombo.

— E o que o torna tão grandioso, além do fato de ele andar ao seu lado? Ao alcançarmos a área dos elevadores, chamo um deles.

— Você faz piada, mas tenho certeza de que já ouviu falar de Zeus, o Gato das Caminhadas. Ele tem mais de 1 milhão de seguidores no Instagram.

Mia pisca, surpresa, e os jogos de sarcasmo cessam.

— Sério?!

Enquanto esperamos pela chegada do elevador, pego o meu celular e abro o *feed* de O Gato das Caminhadas e mostro algumas fotos recentes para ela: o companheiro peludo perambulando por uma trilha de montanha; ele relaxando na popa de uma canoa, e eu remando em um lago; ele correndo sobre um tronco de árvore lançado sobre um riacho.

Em seguida, minha imagem favorita: Zeus ao ar livre, com os olhos fechados, o rosto virado para cima, desfrutando de alguns raios de sol no alto de uma trilha de montanha de 6 quilômetros, quando não há mais nada além do céu azul.

— Nossa, mal posso acreditar que ele realmente faz caminhadas!

— Posso levá-la junto em uma caminhada para que tire a prova, Mia.

Ela gargalha e faz que não com a cabeça, dando um tapinha na bolsa.

— Cheguei ontem à noite. Tenho reuniões a tarde toda, contratos com fornecedores para revisar e campanhas de marketing para analisar. Além disso, janto amanhã com Josie, Chase, Max e Henley. É muito trabalho. Não consigo tirar uma folga para dar uma caminhada.

O elevador chega. Entramos, e as portas se fecham.

— Que absurdo. Sempre há tempo para uma caminhada.

Mia suspira com tanta força que parece que o ar está vazando dela.

— Sinto como se eu não tivesse tempo nem para respirar, que dirá para ir à academia, e muito menos para fazer uma viagem. Na última vez em que estive em Nova York mal consegui jogar Laser Tag na tarde de sexta-feira com o meu amigo Dylan. E acabei de descobrir que um dos nossos maiores fornecedores desistiu de um acordo relativo a um novo creme de limpeza facial que desenvolvemos. — Ela me encara. — E preciso achar outro fornecedor.

Mia criou a sua empresa há alguns anos, para fabricar produtos de beleza e maquiagem orgânicos e desenvolvidos por métodos que não envolvam testes em animais. É a sua verdadeira paixão, e ela trabalha obstinadamente na expansão da Pure Beauty. Mas, mesmo quando você ama o que faz, isso pode cobrar um preço. Vejo um lampejo de cansaço nos seus olhos e percebo o quanto ela precisa de um descanso.

— Era isso o que eu estava fazendo antes de ver você. Conversando com o fornecedor — Mia explica.

Ah, então eu tinha razão. Decepcionada.

— Sinto muito, Mia. Isso é péssimo.

— É... Estou me esforçando, mas sinto estar sendo puxada em muitas direções.

— Talvez você precise dar uma escapada.

— Não posso.

— Você conseguirá raciocinar melhor depois de algumas horas desconectada. O seu humor vai melhorar para o casamento na semana que vem.

Veja, não estou tentando obter um tempo extra com ela. Percebo pela tensão nos seus ombros, pela aflição do seu suspiro e pelo seu discurso que Mia precisa de um descanso.

— É mesmo?

— Mia, você precisa recarregar as baterias. Tenho certeza de que você consegue preencher todas as 25 horas do seu dia com trabalho, mas as pessoas também precisam se afastar das telas.

— Mesmo porque são apenas 24 horas em um dia, certo?

O elevador chega ao meu andar. Quando as portas se abrem, não saio e continuo falando com ela:

— Não para pessoas como você, que têm de alguma forma uma hora extra anexada para conseguir ainda mais produtividade. Então, dê algum tempo e relaxe. A sua mente vai se revigorar.

Mia morde o canto do lábio.

— Você está tentando me convencer a matar aula?

— Amanhã é sábado. Se não trabalhar o dia todo no sábado conta como matar aula, o problema é sério.

— O que está sugerindo que façamos?

— Estou dizendo para tomarmos um pouco de sol e comermos alguns petiscos. Podemos nos desconectar até você clarear as ideias e relaxar.

Os olhos de Mia brilham.

— Adoro petiscos.

— Amêndoas — digo em um sussurro quase obsceno.

Mia geme.

— Azeitonas verdes — murmuro, com a voz ficando mais rouca.

Mia se abana.

— Sementes de girassol.

Mia deixa escapar um suspiro, e, sim, o erotismo associado a uma semente de girassol é muito melhor do que um *s'more* pornô.

— Agora você está me provocando...

— Juro, Mia, tudo isso pode ser seu.

— Mas tenho que analisar as campanhas de marketing.

As portas do elevador rangem, querendo se fechar para que a cabine se desloque para o próximo andar. Faço a minha última tentativa para convencê-la:

— Gostaria de saber se há algum empresário alto, bonito, de olhos azuis, que vai analisá-las com você, digamos, durante o almoço de hoje, para que amanhã você possa tirar um dia de folga para relaxar.

Vejo a expressão de Mia mudar de talvez para "sim". Suspeito que foi a palavra *almoço* que provocou essa mudança.

Ela fica na ponta dos pés.

— Podemos pedir a comida daquele novo restaurante italiano aqui pertinho?

E agora o almoço é o meu novo parceiro.

— Fechado! — digo, e saímos do elevador lado a lado, nos dirigindo até o meu apartamento.

Largo minha mochila, liberando Zeus. Ele pula para fora e, assim que as suas patas brancas atingem o chão, ele concede todo o carinho do mundo à perna de Mia.

Passamos as próximas duas horas comendo *fettuccine al dente* com legumes, analisando as campanhas de marketing de Mia e discutindo sobre as comidas favoritas para levar em uma caminhada de quatro horas.

Decidimos pelas azeitonas e amêndoas, e, em seguida, Mia faz um pedido para que eu a surpreenda, já que ela adora surpresas.

Então, ela vai embora, e eu passo a cuidar do meu próprio negócio, trabalhando junto com o meu novo gerente da Costa Oeste, que supervisiona as nossas viagens no norte da Califórnia, e também com os meus assistentes daqui de Nova York, que cuidam do trabalho do dia a dia referente a caminhadas, *rafting*, acampamentos e retiros corporativos. No fim da tarde, meu gerente de recursos humanos me liga, e passamos uma hora revisando o manual de conduta do funcionário atualizado, linha por linha.

No início deste ano, enfrentei alguns problemas com um guia que trançou com uma cliente casada em uma caminhada de três dias em Vermont. Toda a situação virou uma grande confusão: o guia publicou algumas postagens furiosas no Facebook por ter sido demitido, e o marido da cliente nos ameaçou. Os ânimos se exaltaram, ainda que nada acontecesse no final das contas. Mas endurecemos as nossas diretrizes para os funcionários, já que é tudo o que podemos controlar.

* * *

Na manhã seguinte, acordo bem cedo e saio para correr 8 quilômetros. Quando volto, coloco a coleira vermelha no meu gato. Tiro uma foto dele sentado ao lado de uma pequena mochila e de um pouco de comida para a caminhada. Em seguida, posto a foto no *feed* de Zeus.

Pronto para a aventura de hoje!

Faço um gesto negativo com a cabeça, porque não acredito em quem eu me tornei: um cara que posta fotos do seu gato no Instagram.

Mas, por outro lado, como eu poderia recusá-lo quando Evie o trouxe, com os seus olhos verdes piscando para mim como o Gato de Botas? A minha irmã é uma casamenteira, e um dos seus clientes é um bombeiro que resgatou Zeus de um incêndio em um armazém no Queens. O garotinho não tinha um lar e, então, Evie insistiu que ele fosse meu, já que ela é levemente alérgica.

Portanto, eu tenho um gato.

Alguns minutos depois, pego o elevador para ir até o andar de Max, e toco a campainha do seu apartamento.

Ele atende com a cara mais feia do mundo.

— Achou mesmo que eu não notaria você passando o dia com a minha irmã?

Incrédulo, reviro os olhos ante o esforço de Max para desempenhar o papel de irmão mais velho amedrontador. Mesmo nos conhecendo há menos de dois anos, ele se tornou meu amigo mais próximo em Nova York, em parte porque é um cara franco, leal, confiável e tem uma mesa de bilhar incrível. A opinião dele sempre importa para mim.

— Achei que aparecer na sua porta daria uma dica.

Mas ele não relaxa. Em vez disso, Max rosna.

Isso só me faz rir.

— Cara, toda a rotina é um pouco ridícula.

— Eu vi o jeito como você olhou para Mia no jantar de Henley, algumas semanas atrás.

Max e sua namorada, Henley, construíram um carro juntos para um programa de tevê em rede nacional que acabou de completar uma primeira temporada de grande sucesso, e eles comemoraram com uma festa. Não vou mentir; passei um tempo extra com Mia na festa, mas não a via fazia algum tempo, e nós dois sempre parecemos gravitar um em direção ao outro quando ela está na cidade. Isso tem sido assim desde a noite em que nos conhecemos. Nós entramos em sintonia.

E esse é um grande motivo pelo qual é uma merda Mia morar a 4800 quilômetros de distância.

Mas, como Max começou, não consigo resistir a lhe dificultar a vida.

— E nessa festa como exatamente olhei para ela? Como alguém querendo ajudar a servir a salada que ela fez? Foi esse tipo de olhar? — pergunto, adotando uma voz baixa e sacana só para enfatizar o ridículo do seu argumento. — “Ei, docinho, deixe-me ajudá-la com as pinças...”

— Nunca mais quero ouvir você dizer a palavra “docinho”.

— O mesmo vale para você.

Ele abre um sorriso, ri alto e me dá uma palmada no ombro.

— Só estou brincando, cara. Sei que você nunca faria nada pelas minhas costas.

Bem, isso não é totalmente verdade. Fiz algumas coisas bastante sujas com Mia na minha imaginação esta manhã.

— Não é? — ele me pressiona.

Ergo a mão, como se estivesse fazendo um juramento.

— Nada pelas suas costas, prometo. Além disso, quando eu convencer a sua irmã a se casar comigo, serei sincero a respeito disso. De homem para homem. — E dou uma palmada no peito dele.

3

TENHO UM PRINCÍPIO BÁSICO QUANDO EU GOSTO DE UMA mulher.

Podem me chamar de louco. Podem me chamar de antiquado.

Mas eis o que eu faço.

Eu a convido para sair.

Eu sei, eu sei. Sou das antigas, principalmente porque uso uma ligação telefônica para fazer isso.

Não envio mensagens de texto evasivas. Não uso Snapchat. E não tento fugir de uma paquera. Ligo para a garota e a convido para sair. Procuo escolher uma atividade que combina com ela. Para as atléticas, posso sugerir um passeio de bicicleta. Para as informais, talvez uma tarde em um festival de cerveja artesanal. Para as que gostam de sapatos Louboutin, encontro um restaurante japonês ou o mais badalado da vez que dá conta do recado. Não há necessidade de algo meia-boca, muito menos em um primeiro encontro. Dou tudo de mim e garanto que realmente podemos nos conhecer. Verifico se somos compatíveis.

Mas não convidei Mia para sair, e não foi por causa de Max. Não mesmo. O cara é um completo manteiga derretida por dentro. Além disso, ele não é um idiota que usa aquele papo-furado de *não namore a minha irmã porque ela é minha irmã*.

O principal motivo é que Mia não está muito por perto. Suponho que eu também não estou. Ela *realmente* não está por perto. Mia nem sequer mora aqui, e sim em San Francisco. Embora apareça em Nova York o suficiente para eu ter desenvolvido uma atração terrível por ela, que não mostra sinais de sumiço, Mia não vem aqui o suficiente para eu namorá-la... Ou algo mais.

Encosto o carro junto a uma trilha perto da cidade de Cold Spring, no vale do rio Hudson, e tento afastar da minha mente todos os pensamentos que envolvem atração. Isso demanda uma ginástica mental

4

DIFERENTE.

Esse é um daqueles adjetivos que podem ser usados de diversas maneiras.

Ele é um pouco... como podemos dizer... diferente.

Nunca pensei em mim como alguém diferente. Sou um cara normal. Não sou alguém que possui hábitos estranhos, como limpar os ouvidos com cotonete em público, ou discutir a limpeza com cotonete com um grupo de pessoas, ou mesmo ficar muito perto de estranhos a ponto de eles poderem sentir o meu hálito. Embora, para deixar claro, meu hálito tenha cheiro de menta, já que escovo os dentes como se fosse uma religião.

Mas, além de passear com um gato, sou tão comum quanto possível.

— Me conta, Mia, por que acha que sou *diferente*? Você não gosta da minha barba? — pergunto, passando a mão pelo queixo.

— Sua barba é incrível — ela responde, rindo.

— Então, na certa, você tem algo contra caras que gostam de gatos.

— Ah, meu Deus, eu adoro animais! Você sabe disso. Sou voluntária da WildCare, ajudo animais selvagens feridos. E faço isso porque costumo amar os animais mais do que as pessoas.

— Então, sem dúvida, você encontrou as minhas fotos no anuário do ensino médio.

Curiosa, Mia arqueia uma sobrancelha, com os olhos brilhando.

— Não, mas agora eu quero vê-las.

— Não. De jeito nenhum — digo, com a voz mais grave, alertando-a. Porque aí está um limite que ninguém deve ultrapassar.

— Tudo bem. Vou parar de mexer na sua gaveta de cuecas em busca do seu anuário.

Mia e minhas cuecas boxer. Só vou me ater a esse pensamento por mais um segundo. Ok, de volta ao tema em questão:

— Quer dizer que eu sou *diferente*? — pergunto, desenhando aspas no ar. — Qual é o lance?

Ela abre um sorriso largo.

— É um elogio. Você é diferente porque você é normal.

Começo a rir. Uma risada calorosa e feliz.

— Normal. Aceito a sua opinião.

— Pode acreditar, é um *tremendo* elogio. Poucos são tão maleáveis quanto você. Tão descontraídos. Tão satisfeitos com o que são. Acho que foi por isso que te contei sobre a guerra que tenho travado com as varandas.

— Adorei você ter compartilhado as suas batalhas nas varandas.

Mia suspira fundo, como se estivesse aspirando ar fresco e revigorante. Alonga o pescoço de um lado para o outro e sacode os ombros, quase como se um peso lhe tivesse sido tirado.

— Você tinha razão. Ficar longe do trabalho, dos telefones e da pressão ajuda bastante.

Sorrio para ela, dando-me um *valeu, garoto* mental. É uma alegria saber que a ajudei.

Mia aponta para a trilha.

— Vamos nessa.

E retomamos a caminhada.

— Agora é a sua vez, Patrick. Conte para a sua amiga Mia do que você tem medo.

— Vegas — respondo, com um falso calafrio. — Não suporto aquela cidade.

— Ah, pare com isso... Você não tem medo de Vegas.

— Tudo bem, apenas não gosto dela.

Mia ri.

— Eu gosto de Vegas. É uma cidade divertida. Um pouco maluca e exagerada, mas eu tiro de letra. Por que você a odeia? Afinal, mora em uma das maiores cidades do mundo.

— Não é que eu odeie Vegas. Mas não há equilíbrio nela como o que existe em Nova York. Manhattan, por exemplo, funciona a um milhão de quilômetros por hora, mas então nos surpreende com o Central Park, com a trilha do rio Hudson e com as ruas de paralelepípedos do Village. E com a água. Existe água em todos os lugares.

Mia suspira com prazer.

— Também adoro Manhattan. Mas você ainda não me contou. Seus medos. Confesse. Seja sincero.

5

— **ESTOU CHEIA — MIA REVELA, GEMENDO.**

— Como isso é possível? — Me inclino para trás sobre a manta vermelha quadriculada estendida na grama. — Você não comeu quase nada.

— Não é verdade. Para que fique registrado, devorei a surpresa de morango, as amêndoas, o queijo gouda, as bolachas e as azeitonas. Tudo, menos o peru defumado.

— Você se dá conta de que simplesmente recitou petiscos? Foi só o que comeu: petiscos. E não uma refeição.

— Agora você tem algo contra petiscos? Você é antipetiscos?

— Muito pelo contrário. Acho que eles estão entre as maiores alegrias da vida.

Ela se apoia nos cotovelos, com as pernas esticadas à frente, cruzadas na altura dos tornozelos, e dirige o olhar para mim.

— E quais são as outras?

— Sexo — respondo, olhando-a nos olhos.

Inicialmente, Mia fica impassível e, depois, irrompe em uma gargalhada.

— Bem, sim... Mas o que mais?

— Isso não é suficiente para você? — pergunto com os olhos arregalados.

— Você disse “alegrias”, no plural. Estava esperando ouvir as outras.

— Ah, um simples mal-entendido. Veja, a resposta foi no plural porque comigo o sexo é tão bom que se multiplica — prossigo, erguendo e baixando as sobrancelhas rapidamente, em um gesto de insinuação sexual.

Mais uma vez, Mia permanece impassível. Depois, todo o seu corpo começa a tremer. Estamos falando de uma gargalhada da cabeça aos pés.

— Você parece o meme do canguru sujo, agora. Sabe do que estou falando?

— Por mais estranho que pareça, não estou familiarizado com o marsupial obscuro.

— Na realidade, ele é um marsupial babaca — ela corrige. — Enfim, trata-se de um canguru estranhamente musculoso, deitado, que parece um astro pornô dos anos 70, todo polido e metido, dizendo coisas como: “Ei, garota, você já ficou embaixo?”.

Coço o queixo.

— Então, o que você está dizendo é que sou um canguru babaca e que você não gosta de sexo que se multiplica. Basta uma transa.

Mia me observa com um olhar do tipo *you should be kidding* e se senta reta para cutucar o meu cotovelo.

— Isso foi por você dizer algo ridículo. Com certeza, gosto de multiplicação. É minha operação favorita de aritmética. — E me dá uma piscadela muito marota que deflagra uma nova rodada de luxúria em mim, e fico imaginando a aparência dela depois de dois orgasmos vezes dois.

A resposta? É assim que se parece um dia perfeito.

Deixando-se cair para trás, Mia respira fundo e ergue o rosto para o céu, como se estivesse se embecendo dos raios do sol. Ela projeta seu abdome sarado e incha as bochechas.

— Mas talvez não haja plurais ou multiplicação para mim quando tenho um bebê de petiscos crescendo na barriga.

Faço um ar de espanto. Seu abdome é uma tábua. Uma tábua sensual e atraente que quero beijar em todos os lugares. Sim, isso é o que Mia faz comigo. Deixa-me excitado, pensando em beijar seu abdome em forma de tábua.

— Você nem consegue fazer a barriga parecer cheia.

— Sim, consigo — ela afirma, bufando e se esforçando para fazer a sua parte do meio arredondar. — Você conseguiria sentir os petiscos crescendo dentro de mim.

Estendo um braço para acariciar seu abdome, desejando por um momento senti-lo sob circunstâncias diferentes. Porém, não sou pervertido o suficiente para ficar excitado com seu abdome de faz de conta. O lado pateta dela? Essa é inteiramente outra questão. É cativante e, reconhecidamente, sedutor.

Gostaria que não fosse.

— Tem um bebê de peru defumado dentro de você? — Mia pergunta, em um tom bastante sério.

Dou uma palmada no meu abdome.

— Pode apostar.

6

Conversas com Zeus, o gato

COM A BARRIGA CHEIA DE PEIXE E UM LUGAR NA MANTA AQUE-cido pelo sol, o gato estava pronto para mais uma soneca. Ele ainda não alcançara a sua cota total de sono do dia. Precisava recuperar o atraso para que pudesse ficar plenamente descansado para dormir mais no dia seguinte. O homem dormia profundamente, e o gato pensou em se colocar junto à cabeça do seu dono. Na certa, o homem dormiria melhor com um gato enrolado em torno de si. Mas então a mulher se virou de lado e o contemplou com os olhos arregalados. Ela iria encará-lo? Um gato?

Tente.

Mas, em vez disso, ela massageou entre as orelhas dele.

Ah, querida... Faça isso de novo.

A mulher obedeceu, acariciando-o ainda mais. Para demonstrar toda a sua alegria, ele ronronou para ela.

— Você é barulhento — ela murmurou. Levantando a mão, coçou o queixo dele. — E é muito bonito.

Sim, continue assim.

— Vocês são um par perfeito — a mulher afirmou, com os olhos passando do felino para o dono dele.

Ele ronronou mais alto, esperando que a mulher falasse mais alguma coisa.

— Uma dupla de galanteadores. — Ela suspirou, acariciando o dorso dele. — O que uma garota deve fazer?

À medida que ela sussurrava, os pensamentos do felino se deslocavam para uma certa gata malhada do 9º andar, que talvez quisesse compartilhar uma lata de atum com ele em algum momento. Ele precisaria convencer o seu dono a fazer uma viagem de elevador até o andar dela. Ele gostava dos bigodes dela. Assim como da sua cauda.

Os olhos da mulher se voltaram para o homem de expressão serena, cujo peito subia e descia.

— Se as coisas fossem diferentes... — Ela tornou a suspirar. — Então talvez...

A mulher massageou a barriga peluda do gato.

— Mas não sei como fazer tudo funcionar.

Tão gostoso... A massagem foi incrível. Ele ignorou o solilóquio da mulher, e, finalmente, ela parou de falar.

O homem sussurrou, esticando os braços sobre a cabeça, mas ainda continuou dormindo. Os olhos da mulher se arregalaram quando a camiseta do homem subiu. Ela precisou tomar fôlego ao contemplar o abdome chapado. Por um bom tempo, ficou a contemplá-lo, como se fosse um pássaro que ela quisesse devorar.

Bem, aquilo fazia sentido.

Os pássaros eram muito apetitosos.

Alguns minutos depois, a mulher adormeceu, enroscada no pássaro que ela queria comer.



7

A PELE QUENTE PRESSIONA A MINHA. A RESPIRAÇÃO SUAVE vibra no meu ouvido. O corpo em que eu mais quero pôr as mãos está ao meu lado.

Tortura.

Meus olhos se entreabrem. Aqui estou, na barraca com Mia. Uma atraente perna feminina está jogada sobre a minha, e um braço sarado, caído sobre o meu abdome. As pálpebras de Mia tremulam, e os seus lábios se contraem. Ela está à beira de um sonho, suspeito.

Não me mexo por alguns momentos. Em vez disso, imagino esse momento se desdobrando muitas vezes. Acordar ao lado de Mia. Ter permissão para tocá-la. Poder puxá-la para mais perto e tomá-la nos meus braços.

Como ela fez comigo.

Mas isso é algo que a Mia dos Sonhos fez. Por mais sedutor que seja esse cenário, eu me forço a me concentrar em como isso não é a realidade.

A perna sobre a minha? Não significa nada.

O braço sobre o meu? Não me diz nada.

Viro a cabeça e procuro por Zeus. Ele me olha, como se conhecesse todos os meus segredos.

Bem, o cara conhece. Os animais de estimação sabem tudo. Se gatos e cachorros falassem... uau, estaríamos encrocados!

Vislumbro um lampejo prateado, e os meus olhos se voltam para o brilho metálico. Que inferno! A camiseta de Mia está erguida até o umbigo e revela um *piercing*: um pequeno haltere constituído de uma haste prateada e duas esferas roxas nas extremidades. Eu gostaria de dizer que é a coisa mais sexy no corpo dela, mas então avisto algo ainda mais quente.

E ao mesmo tempo ainda mais atraente.

Junto ao osso do quadril há uma tatuagem de raposa. O desenho do animal é inconfundível, desde as orelhas pontudas até o rabo peludo. É do tamanho de uma moedinha; uma das menores tatuagens que já vi.

Essa mulher será a morte de toda a minha contenção. Quero muito passar um dedo por aquela tatuagem, para ver o corpo dela se arquear com aquele leve toque e senti-la tremer enquanto traço as linhas do rabo.

Ergo a mão e a deixo pairar acima de Mia, e me sinto tentado, muito tentado.

Então, ela suspira, e uma sensação de que *não quero ser pego em flagrante* se apossa de mim. Afasto a mão, passando-a casualmente pelo meu cabelo, e bocejo.

— Acabei de acordar — digo com minha melhor voz grogue.

— Eu também — ela afirma, com a voz rouca, bastante sonolenta e sexy.

Mia olha para baixo e se dá conta de que está enroscada em mim.

— Ah, desculpe...

— Sem problema.

Mia tira a perna de cima da minha e depois move o braço. Ela o detém no meu abdome, dando uma palmada nele.

— Gosto do seu bebê de petiscos.

Dou uma risadinha.

— É muito... firme.

Meu Deus. Essa não é a única parte minha que é firme.

— Sinta-se à vontade para realizar um teste completo de firmeza.

— Como se seu abdome fosse um colchão?

— Bem, me parece que você dormiu sobre mim...

— Não é estranho que eu ache você tão confortável? — Mia pergunta, com uma entonação suave.

— Sou *normal e confortável*. Você também gostaria de me dizer que sou confiável?

Ela gira o pescoço para me encarar, erguendo e baixando as sobrancelhas rapidamente, em um gesto de insinuação sexual.

— E pontual também.

Impaciente, olho ao redor.

— Ótimo. Beleza.

Mas talvez seja ótimo, porque a mão de Mia ainda está no meu abdome, e sem se mexer. E eu também não estou me mexendo. Estou deitado quieto, observando os dedos dela esticados na minha barriga, imaginando todas as direções que a mão dela pode seguir. Para cima, seria bom. Não há objeções ali. Ela deveria se sentir à vontade para explorar o meu peitoral. Todavia,

para baixo seria ainda melhor. Eu gostaria mesmo de ver como a mão dela ficaria deslizando por baixo do meu short. Dirigindo-se para a esquerda. Envolvendo o meu...

Opa! Não é isso que eu quero.

Não me entenda mal: quero sentir aquelas mãozinhas aveludadas no meu pau. Mas, acima de tudo, quero senti-la. Quero tocar aquela tatuagem de raposa e depois passar a língua pelo seu ventre, pelos seus seios, pela sua cavidade da garganta, pelo seu pescoço tentador. Quero me virar, me colocar em cima dela, prender os seus pulsos acima da cabeça e depois dizer quanto quero tê-la debaixo de mim desde a noite em que a conheci, no apartamento do seu irmão.

E se ela quiser a mesma coisa que eu quero... eu me conheço. Não ficarei satisfeito com petiscos de Mia. Vou precisar da refeição completa. Droga, quero o cardápio completo de Mia!

Mas os quilômetros entre nós...

São milhares. Eu tenho experiência. Já namorei. Tive namoradas sérias. E aprendi isto: a proximidade é importante. É bem possível que seja o elemento fundamental de um relacionamento. O casal tem de estar junto, tem de se ver. Não quero depender de mensagens de texto e ligações telefônicas. Quero noites, manhãs e também fins de semana. Talvez isso me torne mesquinho, mas tenho 33 anos, e não estou mais interessado em uma aventura. Não quero uma mulher em tempo parcial. Estou pronto para ir com tudo.

Como eu e Mia podemos ir com tudo se moramos em estados diferentes? Sim, costumo passar algum tempo na Califórnia de vez em quando a trabalho, e, alguns meses atrás, fiquei um bom tempo por lá. Mas, como contratei um gerente da Costa Oeste, não tenho muitos motivos para voar para lá todo fim de semana.

Contra todos os meus desejos, sento-me reto, e a mão dela desliza para longe de mim. Mia esfrega uma mão na outra e olha na direção da entrada da barraca.

— Devemos ir — digo.

— Já é tão tarde assim?

Balanço a cabeça, verificando a posição do sol por meio do padrão exposto no alto da barraca.

— Deve ser pouco mais de uma da tarde. Mas precisamos descer, e você tem a sua teleconferência.

Mia resmunga:

— Eu devia ter cancelado essa teleconferência.

Rio baixinho, mas não digo *eu te disse*. Se ela precisa participar da teleconferência hoje, meu trabalho é levá-la para casa. Mia ajeita a camiseta e junta os nossos pertences.

Refazemos a nossa rota, mas desta vez somos mais rápidos e menos tagarelas. Não fazemos paradas para abraços ou conversas profundas. Permanecemos muito sérios, e não tenho certeza se é porque tirei a mão dela de cima de mim ou se simplesmente mudamos de ideia. Talvez não haja mais nada a dizer. Isso não seria bom? Não seria maravilhoso descobrir que não tenho mais nenhuma conversa para compartilhar com essa mulher? Esse é o meu novo sonho: que, depois deste dia, eu tenha esgotado o meu interesse nela.

Então, Mia não terá tanta presença nos meus pensamentos.

Dentro do Jeep, Zeus se acomoda no banco de trás e cai no sono, enquanto me afasto da trilha em direção à estrada que nos levará de volta à cidade.

— Patrick... — Mia diz após alguns quilômetros pensosamente silenciosos.

— Sim? — Seguro o volante com mais força.

— Ser normal não é uma coisa ruim.

— É mesmo?

— Nem ser confortável.

— Sério?

— E tampouco ser confiável.

— Sim, eu entendi. — Exalo um suspiro exasperado. Ainda preferia que ela tivesse escolhido outros adjetivos.

Mia tamborila no painel.

— Há um ano eu namorei um cara que sempre dizia que ia aparecer, mas vivia se atrasando. Às vezes, depois de fazermos planos, Zach simplesmente dava o cano.

Odeio esse Zach.

— E?

— Terminei com ele.

— Quer dizer que está procurando um cara pontual? — pergunto, com uma ponta de esperança dentro de mim. Sou excelente em chegar na hora certa.

Mia faz que não com a cabeça.

— Não é isso que estou dizendo. E não estou à procura de alguém que apareça às 7 da noite em ponto. É que... — Ela desacelera, dá um tempo. Em

seguida, prossegue, com a voz um pouco vacilante: — Estou dizendo que você fala sério. E gosto disso. Você faz o que diz. Você não dá o cano.

— Isso parece um nível básico de aceitabilidade, Mia — afirmo gentilmente, mas com firmeza, para expressar o meu ponto de vista. — Aliás, por que você, minha irmã ou qualquer mulher deve sentir que tem que ficar feliz se um cara simplesmente mantém a palavra? Será que todos nós não devemos fazer isso?

— Sim, é claro. Mas não é isso que estou querendo dizer.

— E o que é, afinal?

Mia bufa.

— Que ser normal é incrível. Um cara normal é o que todas nós queremos. — Ela passa a mão pelas ondas de cabelo cor de mel. — Mas é difícil de encontrar. Meu Deus, você devia ver os caras por aí...

Por um instante, eu a imagino em um encontro com outro sujeito, um idiota sem nome e sem rosto, e as minhas palavras escapam mais ásperas do que eu gostaria:

— Por favor, conte-me mais sobre os homens que você namora.

Mia se encolhe e, em seguida, me olha.

— Ei! Você está com ciúme?!

Sim, estou. Sinto ciúme de Zach. Sinto ciúme de quem veio antes e de quem veio depois de Zach. Sinto ciúme de qualquer cara que tenha saído com ela para algo mais do que tomar um maldito café.

Depois de hoje — as coisas que compartilhamos, as piadas que contamos, os medos que expusemos —, qual é o sentido de manter essa bola traiçoeira de ciúme rolando no meu peito em segredo? Eu deveria responder que sim. Deveria admitir.

Por um momento, desvio a atenção da estrada e olho para ela. E nos seus olhos castanho-claros vejo o seu espírito amável, o seu bom coração, o seu excelente senso de humor. Relaxo, segurando o volante com menos força. A minha tensão diminui. Não preciso arruinar a nossa amizade com uma confissão inapropriada.

— Está tudo bem, Mia. Continue falando desse lance do cara normal — digo, mantendo a calma.

Mia pigarreia.

— Bem... é que eu conheci muitos caras estranhos. Estranhos em relação a compromissos, a limites e à verdade. Não quero dizer estranhos como

se eles tivessem manias engraçadinhas como cantarolar o hino do time de futebol sem nem perceber.

Endireito os ombros.

— Isso não é estranho. Isso é normal.

— Com tanta música boa pra cantarolar...

— E eu nunca vou entender por que as mulheres não podem apagar a luz quando vão de um aposento para o outro. Basta desligar um interruptor. — Imito alguém apagando uma luz. — É tão simples. E, quanto a cantarolar o hino do time, trata-se de uma pequena homenagem a uma grande paixão. Então, tente novamente explicar essa coisa de “não normal”.

Mia dá um sorriso malicioso.

— Você não está entendendo. Eu *gosto* de caras normais. Muito. A coisa que mais quero é um cara normal.

Espero que Mia continue, para revelar mais coisas. Mas ela permanece calada. Ela não diz que me quer. Que eu sou o cara normal que ela quer.

Talvez esse seja o momento da verdade. É disso que preciso para tirar essa luxúria idiota da minha frente. De fato, hoje foi exatamente o que eu precisava. Uma dose fria de realidade.

Ligo o pisca-pisca para a direita, e rumo para a ponte que nos levará de volta a Manhattan. Mexo no rádio e sintonizo uma estação que toca música indie. Uma canção alto-astral começa a tocar enquanto o carro passa pela cabine de pedágio e sobre a água.

Por um momento, o medo primitivo de cair na água se apossa de mim, mas a música o expulsa. Giro o botão e aumento um pouco o volume. Então, Mia coloca a mão sobre a minha.

Eu me encolho por um instante.

Ela vira minha palma e entrelaça os nossos dedos.

Prendo a respiração.

Por alguns momentos, nem tento exalar o ar dos pulmões. Nem tiro os olhos da estrada. Os dedos de Mia apertam os meus, mas, finalmente, relaxo.

Não há nenhuma razão terrena que explique por que dar as mãos é tão bom.

Mas é.

Parece melhor que bom.

É surpreendente.

Atiça o fogo dentro de mim, ainda mais quando Mia acaricia a palma da minha mão com o seu polegar. Todos os motivos que recitei na barraca

— cerca de 4800 quilômetros de distância, estados diferentes — ameaçam voltar à minha mente, mas lhes digo para darem o fora. Quero senti-la me tocando.

Aperto a mão de Mia, e atravessamos a ponte. Ao chegarmos ao outro lado, dou uma olhada nela. Ela sorri para mim, meio amorosa, meio nervosa, meio que também gostando disso.

— Ei, Lebre.

— Ei, Canguru — ela responde, piscando.

Neste exato momento, vou aceitar esse apelido, muito obrigado, mesmo que tenha começado a partir de um meme de um marsupial babaca. Eu o aceito porque Mia está segurando a minha mão.

Ela não a solta pelo resto do caminho. Só o faz quando chegamos à garagem.

E aí eu fico morrendo de vontade de tocá-la de novo.

No interior do elevador, aperto o botão do 20º andar e, depois, do 25º.

Assim que as portas se fecham, Mia se encosta na parede oposta à que estou encostado, com as mãos segurando o corrimão.

— Gostei de segurar a sua mão.

Zeus dá um miado do seu lugar no chão. Eu me aproximo de Mia.

— Pareceu tão *normal* — digo, usando a palavra preferida dela.

Os olhos de Mia brilham de desejo.

— Foi tão *bom*.